



"Parece que a gente é um bixo": vivências e sentimentos frente à discriminação ao HIV/Aids em mulheres gestantes vivendo com HIV.

Leticia Muller da Silva

Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS)

Gabriela Tavares

Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS)

Maiton Bernadelli

Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS)

Tonantzin Ribeiro Gonçalves (Orientador)

Tipo do trabalho

Comunicação oral

Tema

Ciências Médicas e da Saúde

Palavras-chave

Discriminação, gestante, HIV.

OBJETIVO

Compreender as vivências e sentimentos de GVH frente à discriminação e suas repercussões nas relações sociais e familiares.

MATERIAL

O estigma é uma produção histórica e social que envolve atribuições e associações negativas e depreciativas sobre determinados grupos. (PARKER; AGGLETTON, 2001). O estigma quanto HIV/Aids ainda afeta muito o acesso à prevenção e à serviços de saúde, bem como o convívio social dos portadores. Tal situação de vulnerabilidade pode se exacerbar entre gestantes vivendo com HIV (GVH) (MONTEIRO et al., 2016), mas poucos estudos brasileiros analisam as suas experiências quanto à discriminação.

METODOLOGIA

Foi um estudo qualitativo com o uso de análise de conteúdo temática (MINAYO, 2012), que faz parte de um projeto maior que entrevistou em profundidade 70 GVH de um serviço especializado de Porto Alegre. As entrevistas foram analisadas por pelo menos dois pesquisadores e codificadas em categorias construídas com base nos próprios relatos e na literatura. O estudo discute uma das categorias emergentes da análise, as vivências e sentimentos das GVH frente a discriminação quanto ao HIV/aids.

RESULTADOS

Dentre as 70 entrevistadas, 20 descreveram alguma situação em que sofreram discriminação direta relativa ao HIV ou presenciaram tais situações com outras pessoas. Os relatos trazem noções e fantasias sociais a respeito da aparência do corpo e de transmissão por toque que, em alguns casos, impactavam a rotina das GVH. Em outros casos, a discriminação era indireta, manifestada por meio de crenças e atitudes sobre pessoas vivendo com HIV em



geral. Isso levava as GVH a deixar de frequentar alguns locais e até a perder fontes de apoio por medo do estigma. Em conjunto, tais vivências se ligavam a evitação de expor o diagnóstico para proteger-se. Tais contextos relacionais reforçam circuitos de violência estrutural (FARMER, 2003; 2004) e fragilizam a autoestima e autoimagem das mulheres, gerando sentimentos de rejeição, culpa e preocupação quanto à possível infecção do bebê.

CONCLUSÃO

Os achados corroboram evidências de que a vivência de discriminação reforça vulnerabilidades já presentes entre as GVH (ANDRADE; IRIART, 2015; SANDELOWSKI; LAMBE; BARROSO, 2004). O estigma fragiliza os laços sociais e gera sentimentos negativos ao mesmo tempo em que as GVH vivem a chegada de um filho e a culpa pelo risco de transmissão do HIV. As políticas públicas devem contemplar o combate ao estigma como forma de atenção integral a saúde das mulheres vivendo com HIV.